Trabalho de Conclusão de Curso – Priscila Prince

Transcrição da Entrevista com Maylla Pita, 7 anos de carreira, dona da empresa MP Comunicação e Cultura.

Formada em Comunicação – Produção em Comunicação e Cultura

1ª – Na verdade não foi uma escolha predeterminada, “quero fazer Produção Cultural”. Sempre tive relação com a arte, desde pequena, e foi algo que se deu naturalmente. Pude ter na escola introduções à fruição da arte, e por conta própria também sempre visitava museus em Feira de Santana, que por sinal tem poucos. Sempre estava acompanhando feiras, festivais que aconteciam no circuito alternativo lá em Feira. Sou da cidade de Feira de Santana, interior da Bahia.

O que aconteceu foi que, no período que eu tinha que fazer vestibular, buscava algo que fosse dinâmico porque tenho facilidade com comunicação e gosto muito dessa área. Partindo disso, cogitei a possibilidade de fazer vestibular para Decoração, também é uma área que gosto muito. Gostaria muito de fazer Jornalismo, mas pela ementa do curso de Produção Cultural, quando li, no momento de me inscrever para prestar vestibular para Universidade Federal da Bahia, me interessei mais, achei bacana a proposta. Resolvi arriscar. Fui aprovada e quando entrei na Universidade pude perceber que era tudo bem diferente daquilo que foi apresentado na ementa, mas ainda assim não me decepcionei. Me sentir estimulada durante todo o curso, com as possibilidades de atuação do Produtor Cultural, não só pelo que eu aprendia e vivenciava na Universidade, mas sim por conta das experiências vividas fora da sala de aula, através das atividades de extensão que me envolvi, e pela minha atuação como estagiaria e voluntária nas atividades e nos projetos que me abriam as portas pelo fato de fazer Produção Cultural.

2ª – É um pouco a extensão do que eu falava antes. O curso de Produção Cultural é muito voltado para política e para gestão. Falo com muita propriedade que eu vi, com certa capilaridade, dentro da Universidade foi que eu tinha muitas oportunidades de me aprofundar mais na temática de políticas públicas. Substancialmente, se eu tivesse que sair da Universidade só com a formação que tive na sala de aula, sairia com uma pequena bagagem em políticas públicas na área de gestão.

Nas outras disciplinas tinha uma introdução mais conceitual de temas genéricos a cerca da cultura e da comunicação, de um modo geral. Mas nada que me formasse e me qualificasse para sair pronto para atuar no mercado de trabalho. Então, eu costumo dizer que o que me formou mesmo foram as atividades de extensão que eu busquei estando na Universidade. A minha vivencia no centro acadêmico me aproximou bastante das políticas de cultura e de comunicação da Bahia e do Brasil. A minha vivencia no Lab Foto (Laboratório de Fotografia na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia) foi muito boa, inclusive consegui executar dentro do Laboratório algumas atividades de produção, como foto expedições, viagens fotográficas. E, também, os estágios, que comecei desde o segundo semestre, que me levaram a estar envolvida em atividades voltadas para o mercado. No quarto semestre entrei para a Fundação Cultural do Estado, no ano de 2007 como estagiaria; em 2008 passei a ser REDA (Regime Especial de Direito Administrativo); em 2009 recebi uma proposta para trabalhar na Secretaria de Cultura do Estado, na SUDECULT (Superintendência de Desenvolvimento Territorial da Cultura), com as conferencias; lá fui promovida a assessora, depois a coordenadora; mudei para o interior, trabalhando com políticas de territorialização, políticas públicas, conferencias no centro de cultura da SECULT (Secretaria de Cultua do Estado da Bahia) na cidade de Mutuípe, coordenando o trabalho de seis representantes territoriais.

O governo de Estado acabou sendo uma grande escola para mim. Tive uma relação indireta com a classe artística, de uma maneira geral, quando estive na Fundação Cultural; uma relação que se dava especificamente através da realização de atividades de formação e qualificação para a elaboração de projetos culturais. Posteriormente trabalhei com os editais de arte, voltados para música, para dança; na pré-produção desses editais. Com as conferencias, tive contato direto com o público da cultura de uma maneira geral, com ativistas culturais, com artistas; comecei a ir a campo, saí de dentro da sala e comecei a fazer viagens para varias cidades, participando de espaços de escuta e ausculta da sociedade civil, dos agentes que estavam atuando na área da cultural. Quando fui morar no interior tive um contato ainda mais intenso.

Então, eu costumo dizer que me formei através dessas atividades, desse além das paredes da sala de aula, atuando no mercado de trabalho, sobretudo, no Governo do Estado, onde passei bastante tempo, e me deu segurança e firmeza para ser hoje uma produtora *freelancer* e trabalhar com consultoria, especificamente, na área de políticas públicas, formação e gestão.

3º - Os meus eixos de atuação profissional (formação, qualificação e gestão) são os meus guias. O projeto que eu estou coordenando agora desenvolve exatamente essas linhas; é um projeto de qualificação em música, com base nas etapas de produção do setor musical. Acontece no interior, somente para músicos, produtores musicais, DJs, instrumentistas, compositores, que moram no território do Vale do Jequiriça[[1]](#footnote-1). O projeto conseguiu agregar os meus eixos de atuação profissional; voltado para autogestão, qualidade artística, incentivo ao direito autoral, estimulo a criação de redes colaborativas entre a classe que trabalha com música na região do Vale, uma produção criava sustentável capaz de gerar renda para as pessoas que trabalham com ela, e também qualificar e organizar, que são as palavras principais. Costumo dizer que trabalho com a organização do serviço criativo. Estou a mais de um ano executando esse projeto, porque saí da SECULT (Secretaria de Cultura Do Estado da Bahia) em 2012, logo depois fiquei de licença maternidade e só a pouco tempo consegui me dedicar.

Prefiro mais ficar nos bastidores, pensando e planejando, do que correndo atrás para a execução. Se eu tiver que executar, prefiro participar também do planejamento. Mas costumo prestar serviços na área de produção, especificamente em eventos. Quando eu tenho a oportunidade, prefiro participar da concepção até o resultado final. Para mim, a parte de produção é o meio do trabalho, não é o inicio e nem o fim.

4ª – Essa parte é muito tranquila para mim porque trabalhei por muito tempo com essa questão do financiamento. Formatação de projetos para capitação de recursos, com qualificação dos artistas para que eles conseguissem capitar o recurso através dos editais da Secretaria de Cultura. Por isso falo que o Governo acabou sendo uma grande escola para mim. Quando sai da SECULT já tinha transitado, tido contato com planejamento dos mecanismos de fomento do Ministério da Cultura aqui na Bahia. Participei da gestão e do planejamento, em parceria com a Caixa Econômica Federal e outros. Então, eu já tinha a clareza dos caminhos necessários para capitar recurso via Lei Rouanet ou Faz Cultura e, também, de outros mecanismos.

Isso para mim é muito tranquilo. Sempre recorro ao Governo, mas dificilmente as leis de incentivo porque trabalhar com elas é muito difícil no Governo do Estado da Bahia. Outro motivo é o fato de que a produção não é a minha especialidade. Para mim é muito mais cômodo concorrer a editais e a prêmios, sobretudo do Governo do Estado, porque já tenho muito domínio sobre eles, inclusive participo de comissão de seleção, eu sei quais são as prioridades, sei o que tem peso maior, sei pensar estrategicamente qual seria o edital mais apropriado para o projeto que estou propondo.

Trabalho muito elaborando projetos para terceiros. Presto muita consultoria nesse sentido, tanto elaborando, quanto orientando a elaboração por outra pessoa. Só demanda paciência. Essas pessoas geralmente fazem parte do meu circuito, com as quais me relaciono profissionalmente ou de maneira informal, como amigos ou colegas da área, que me acionam em algum momento. Acontece muito por indicação, por: jornalistas, amigos, colegas que não podem pegar o trabalho e me passam. Muito por conta dessa rede que nós estabelecemos, e não necessariamente tenho um *fan pag*e, um cartão de visita ou uma marca. Não tenho nenhum tipo de publicidade do meu trabalho.

Quando eu recorro aos editais como financiamento eles têm importância total. São os meios aos quais recorro por ser mais fácil e acessível, porque já tenho completo manejo.

5ª – Geralmente recorro às empresas como apoio, de forma sempre secundaria, para auxiliar no desenvolvimento do projeto. Nunca como forma principal do financiamento. Para mim é muito mais tranquilo ir buscar recurso público, principalmente dentro desse contexto, considerando que me envolvo muito com a área de pesquisa. Capitação de recursos demanda muito tempo, são muitos tramites. Até porque a etapa de produção não é a minha prioridade. É muito mais rápido e incisivo, ler o edital elaborar o projeto e inscrever. Mesmo sabendo da importância que é gestores, produtores e artistas caminharem com suas próprias pernas, independentes do financiamento público. Por outro lado, entendo que o cenário cultural, hoje, na Bahia não tem preparo para isso. O mercado não tem interesse em se preparar. Falo em âmbito nacional.

Hoje, percebo que o assunto financiamento de projetos culturais pela iniciativa privada é muito delicado ainda. É preciso que se desenvolvam projetos com apelo comercial para ter um financiamento direto. Falo excluindo a Lei Rouanet, porque com ela ainda temos um leque pequeno, como: Grupo Votorantim, Banco Itaú, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Natura e Vivo; que ainda financiam projetos, alguns mais ligados a cultura popular, ao eixo alternativo, ainda assim eles tem um certo perfil de proposta que selecionam.

Fora esses casos que citei, é muito difícil trabalhar com capitação, especialmente com iniciativa privada, a troco de nada, sem que eles tenham um retorno para sua marca. Os grandes empresários querem projetos de grande transito dentro do território, pelo menos nacional, para veicular a sua marca. É muito mais uma alternativa de publicidade do que uma política cultural da empresa. O que percebo são poucas empresas que tem uma política cultural efetiva, atrelando o financiamento de projetos ao setor de publicidade e comunicação, onde o objetivo acaba se perdendo. Por conta disso, trabalho com pouco prazer com isso. Reconhecendo, que para mi é muito mais fácil fazer de outro jeito, mas se fosse contratada para trabalhar dessa forma não seria com prazer. Acredito que o projeto perde se fio condutor, sua essência, por causa dessas adaptações mercadológicas. Tem que ser feito com muito cuidado, com muito amor, para não perder o sentido. Para mim a profissão ainda é o que me motiva, ela tem que fazer sentindo.

6ª – Faço sempre um trabalho de pesquisa e triagem. Tenho uma ideia e vou maturando-a, buscando projetos semelhantes e estudos. Quando a ideia está mais embasada, sento e começo a escrever e organizar. Nessa etapa de organização vou pensando nomes prováveis para compor a ficha técnica, geralmente são pessoas da minha rede de contatos, de minha extrema confiança. Inclusive, no projeto que estou realizando no interior, a minha equipe técnica é composta por profissionais que estão em cidades diferentes, um está em São Paulo, outro está em Lençóis, o outro em Salvador, dois estão em Amargosa, um em Feira de Santana e outro em Itaberaba. Isso acontece porque não tenho mão de obra qualificada, que eu considere qualificada, para executar um projeto que é de extrema responsabilidade, que é a qualificação. A postar em outras pessoas, só para tê-las perto de mim, seria um grande risco. Eu prefiro acionar pessoas que estão distantes e se conectam comigo através das mídias, das redes sociais, do que contar com uma equipe frágil e que eu não tenho certeza que irá conseguir dar conta da demanda como eu gostaria que desse.

Quando vou colocando as ideias no papel, já vou fazendo o levantamento de nomes conforme o perfil e o nível de confiança. Pessoas que já tem uma notória experiência na área. Sobretudo para administrar as oficinas que demandam um domínio de causa. Às vezes, não é uma pessoa que já trabalhe comigo, mas é alguém que se propõem a fazer bem a sua função, e está transitando no mercado.

Não são muitas as opções de fornecedores. Geralmente são pessoas com as quais eu já trabalhei em algum momento. Eu tenho um leque pequeno de opções, no interior tenho menos ainda. Então, contrato serviço de som de fora, a gráfica é de Amargosa, mas o dono da gráfica manda imprimir o material em outro local. Eu tendo ao máximo, por ser um projeto realizado no interior, acionar os fornecedores locais, mas é muito difícil. Por isso, prefiro trabalhar com fornecedores que já prestam serviço para grandes projetos. Sempre que estou em algum evento procuro saber quem trabalhou, quem fez o palco, que fez a luz, se é da Bahia (minha prioridade é que seja). Acredito que não faz sentido realizar um projeto no Estado, principalmente se tiver recurso público envolvido, e não fazer com que esse dinheiro circule dentro do Estado.

Estou sempre atenta. Quando estou realizando algum projeto mais especifico e não tenho nenhum fornecedor que já tenha trabalhado comigo, pesco em outros projetos. Converso com amigos, é onde a questão da rede de contatos é importante, as relações que são estabelecidas são muito tensas, latentes. O alto nível de troca de informações é fundamental para a escolha desses fornecedores.

Sempre depois de realizar um projeto faço uma avaliação. A prioridade máxima nós projetos faço é a comunicação, por ser uma profissional de comunicação e gostar. Preocupo-me em fazer um plano de comunicação, faço questão de ter uma assessora de comunicação e não de imprensa, assim nós conseguimos bolar todos os instrumentos de comunicação e peças de comunicação pensando nos prováveis resultados e pensando no público, se puder fazer uma pesquisa de público antes, faço. No final, nós sentamos e avaliamos, revendo tudo o que foi feito. Se tiver um mecanismo para acionar as pessoas que participaram para saber como elas ficaram sabendo do projeto, qual o nível de envolvimento, qual a sua opinião sobre o projeto. Sempre que posso eu faço, pensando nas próximas edições.

Tem alguns projetos que são muito pontuais, que são realizáveis apenas uma vez. Tem outros que são planejados para serem feitas outras edições e quando são executados percebe que não é aquilo que foi pensado e não vai dar para fazer as outras edições. Eu prefiro projetos de médio prazo, porque não executo muito projetos e assim é uma forma de fortalecer a minha marca por uma ação especifica, de capilaridade, que acontece uma vez no ano, que seja cíclico, calendarizado. Por exemplo, uma vez no ano a MP Comunicação e Cultura[[2]](#footnote-2) realiza o Equalize[[3]](#footnote-3). Se eu consegui registrar a minha marca por conta desse projeto está ótimo porque outras portas se abrem a partir dai. São profissionais escolhidos a dedo e estrategicamente, com base em suas atuações no mercado da música. Gosto muito de trabalhar com a economia da cultura.

7ª – Sou uma gestora. Pelo meu perfil, pelas ações que opto em realizar, pela forma como eu executo um projeto, pensado em conceber, planejar, executar, avaliar e registrar. Pelos ambientes que eu transito, se tiver que trabalhar em um festival eu trabalho. O gestor poder ser produtor também, mas o inverso não se aplica. Então, se tiver que fazer um fundo de palco eu faço, mas se tiver que pensar política, ou fazer um diagnostica estadual de cultura, como já fui contratada, também faço; se eu tiver que fazer um pesquisa de públicos em cultura também faço.

O gestor é a figura que tem um papel crucial na execução da proposta porque é quem planeja e acompanha todo o processo. Sem o gestor o projeto fica solto. Ou então, o coordenador do projeto tem que ter um perfil de gestor, ele tem que entender, minimamente, das etapas de produção, da comunicação, da prestação de contas; mesmo que ele não atue, tem que transitar por todas as fases para acompanhar de maneira efetiva.

8ª – A experiência que tenho é de autogestão. Minha percepção é que os artistas, ainda hoje, trabalham muito dentro da perspectiva da autogestão. A pessoa que tem uma banda organiza o *release*, o *rider*, o mapa de palco, a divulgação. A realidade de grande parte dos grupos é essa, dentro deles um ou duas figuras são responsáveis por fazer tudo. Em outros a presença do produtor se dá, mas também é uma pessoa que está aprendendo junto. Por exemplo, os grupos de teatro, os próprios atores produzem cenário. No contexto de Salvador, temos grupos mais qualificados nesse sentido, existe a figura do produtor, mas mesmo assim os atores acabam se envolvendo um pouco. Os papeis ainda tem se confundido, talvez por necessidade desses grupos, ou por capacidade de gestão existente.

Acho mais coerente e eficaz que cada grupo tenha um produtor/gestor para lidar com as questões administrativas burocráticas, com o planejamento, com as questões técnicas que não envolvem criação artística especificamente. O artista tem que ficar voltado para a criação, interpretação, executar o seu oficio de artista. É essencial que haja uma divisão de papei, o acumulo resulta numa sobrecarga que influencia no resultado do trabalho. Mas reconheço que a realidade de hoje não é essa.

Existem vários motivos para que isso aconteça. Primeiro, a dificuldade de remuneração de um produtor, dentro de médios e pequenos grupos; segundo é a instabilidade financeira, uma coisa é a relação que o artista constrói com a banda, outra é o com o produtor, às vezes uma pessoa que chegou depois da criação da banda, isso acontece muito. Financeiramente falando, é algo muito instável, quando não se tem uma grande produtora por trás, com um grande capital, para investir nos grupos, acaba deixando-os em uma situação muito vulnerável.

Percebo que meu trabalho como gestora é reconhecido porque sou acionada. Não sei se a palavra reconhecimento é certa, mas acredito que se estou sendo procurada devo estar fazendo o trabalho corretamente. Sou muito mais procurada pelos gestores, se dá mais frequentemente. Essa procura é muito sazonal, geralmente nos períodos que os editais estão abertos, nos períodos de inscrição nas leis de incentivo. Mas é igualmente instável.

9ª – Sem dúvida, qualificação, profissionalização dos agentes envolvidos. Por todos os aspectos que já mencionei como dificuldade de contratação dos fornecedores, de equipe, no interior é mais difícil, mas dentro da própria capital os profissionais acabam se repetindo nas diversas realizações. Por exemplo, geralmente é o mesmo diretor artístico fazendo a direção de grandes espetáculos, e quando ele não pode indica outra figura de sua confiança. O mercado ainda muito limitado nesse aspecto, carece de profissionalização e qualificação, não só da equipe técnica, mas também dos artistas, para serem produzidos projetos de qualidade. Até mesmo dos próprios gestores, essa rede ainda é relativamente pequena. Basicamente, as pessoas que se formaram em Produção Cultural, que já pesquisaram ou estiveram envolvidas em algum momento com política pública, praticamente, todas elas passaram pela Secretaria de Cultura da Bahia. Quando acontece algum debate sobre políticas públicas ou gestão estão presentes sempre as mesmas caras. Recebemos poucos profissionais da área, muitos saem do Estado e poucos vêm para trabalhar aqui. Isso reflete uma deficiência, não se dá ao acaso, é um reflexo do cenário atual do mercado. Ainda é muito comum os artistas saírem daqui e irem tentar uma vivencia no eixo Rio-São Paulo.

Referencias:

Site: http://www.valedojiquirica.com/?page\_id=9

1. “A região da Bacia do Jiquiriçá localiza-se a cerca de 150 km a oeste de Salvador. Além da agricultura, sua principal base econômica, o turismo tem se revelado uma importante alternativa de geração de renda para os municípios dessa Zona Turística, onde a presença de cachoeiras, rios, morros, flora e fauna exuberantes vem despertando o interesse de inúmeros visitantes, desde os que buscam contato com a natureza àqueles que se voltam para a prática de esportes radicais e de aventura, como cavalgadas, trekking, canoagem e pesca. O patrimônio histórico/cultural da região também é rico e diverso e o seu artesanato feito com esmero, tudo isso conformando uma oferta turística capaz de atrair fluxos regionais interessados em interagir com a natureza e a cultura local.” [↑](#footnote-ref-1)
2. Maylla Pita Comunicação e Cultura. [↑](#footnote-ref-2)
3. Projeto de qualificação em música, com base nas etapas da cadeia de produção da música. Especifico para os agentes que trabalham com música no território do Vale do Jequiriça. Participantes: DJs, compositores, músicos, instrumentistas e outros afins. Propõem-se a envolver representantes de vinte municípios, são disponibilizadas bolsas de auxilio pra os participantes, e também, alojamento. Curso composto por quatro módulos, cada um especifico para uma etapa de produção. O primeiro fala sobre criação artística, ministrado por Duda Diamba (falar de Regue no interior consigo atingir um maior número de pessoas); o segundo sobre produção musical, ministrado por Vince (Maquinário Produções Artisticas); o terceiro sobre financiamento, instrutora Fernanda Bezerra (sócia da empresa Multi, referencia em capitação de recurso em Salvador); o quarto sobre formação de público e circulação de produtos musicais, ministrado por Fabio Cascadura (referencia em circulação de público no Brasil). Duração de um mês. Para cinquenta pessoas, sendo vinte e cinco bolsas. [↑](#footnote-ref-3)